

CYBERBULLYING: O QUE OS ADOLESCENTES PODEM FALAR SOBRE ESSE FENÔMENO?

ZASSO, Izabele¹
LINDERMAYER, Ana Paula²
RAMOS, Djonathan Felipe³

RESUMO

A violência é considerada um problema de saúde pública e crescente no mundo. Por isso, sendo o cyberbullying uma manifestação de violência e agressão entre pares no contexto virtual, torna-se importante a busca pela compreensão desse fenômeno e seus efeitos psicológicos, visto que observa-se, atualmente, um período cercado pelas tecnologias de informação e comunicação, na qual o modo de se expressar transpõe dos meios físicos para o virtual. Desta forma, nesta pesquisa pretende-se compreender o cyberbullying a partir da ótica de adolescentes, uma vez que a literatura aponta que estes são os principais alvos e agressores. Ainda, optou-se por diferenciar os fenômenos de violência expressos pelo bullying e cyberbullying e compreender como ocorre o cyberbullying na adolescência. A pesquisa se deu por meio de entrevista semiestruturada com seis adolescentes entre 11 e 14 anos de idade, matriculados no ensino regular de um Colégio Estadual do Oeste do Paraná, sendo a Análise de Conteúdo o método utilizado para avaliar os resultados. Dentre os dados obtidos, pode-se perceber que a naturalização da violência esteve presente no discurso dos adolescentes, bem como questões do corpo e da imagem. Percebeu-se também dificuldade de diferenciação e identificação de emoções e, do mesmo modo, não foi obtido satisfatoriamente um entendimento sobre as possíveis implicações psicológicas advindas do cyberbullying. Apesar de ser recente a temática do cyberbullying, este demanda atenção das escolas, famílias e equipes de saúde, para que sejam ampliadas as discussões sobre o assunto, buscando combater violências em qualquer que seja sua forma de manifestação.

Palavras-chave: Cyberbullying. Adolescentes. Violência.

¹Psicóloga, Orientadora e Professora Mestre em Direitos Humanos do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

² Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

³ Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

izabele@fag.edu.br

CYBERBULLYING: WHAT CAN ADOLESCENTS TALK ABOUT THIS PHENOMENON?

ZASSO, Izabele¹
LINDERMAYER Ana Paula²
RAMOS, Djonathan Felipe³

ABSTRACT

Violence is considered a growing public health problem in the world. Cyberbullying is a manifestation of violence and aggression in the virtual context, so it is important to seek understanding of this phenomenon and its psychological effects, since there is currently a period surrounded by information and communication technologies, in which the way of expression itself transposes from the physical to the virtual. Thus, this research aims to understand cyberbullying from the perspective of adolescents, since the literature points out that these are the main targets and aggressors. Still, it was decided to differentiate the phenomenon of violence expressed by bullying and cyberbullying and to understand how cyberbullying occurs in adolescence. The research was conducted through semi-structured interviews with six adolescents between 11 and 14 years old, enrolled in the regular education of a State School of Western Paraná, using as method the Content Analysis to evaluate the results. Among the data obtained, it can be seen that the naturalization of violence was present in the adolescents' discourse, as well as body and image issues. Difficulty in differentiating and identifying emotions was also found, and similarly, an understanding of the possible psychological implications of cyberbullying was not satisfactorily obtained. Although the topic of cyberbullying is recent, it demands attention from schools, families and health teams, so that the discussions on the subject can be broadened in order to combat violence in any form of manifestation.

Key words: Cyberbullying. Adolescence. Violence.

¹ Psychologist, Advisor and Master Professor in Human Rights of the Psychology Course at Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

² Student of the 10th period of the Psychology Course at Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

³ Student of the 10th period of the Psychology Course at Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz
izabele@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma compreensão a partir da perspectiva dos adolescentes sobre o tema *cyberbullying* e as implicações psicológicas decorrentes desse fenômeno, pois a ascensão das tecnologias, nas últimas décadas, facilita que os usuários dos meios de comunicação transponham a violência praticada em ambientes físicos para os virtuais. Assim sendo, evidencia-se a importância de aprofundar as pesquisas acerca desta temática.

Tem-se como objetivo compreender as implicações psicológicas decorrentes do fenômeno *cyberbullying* a partir da perspectiva de adolescentes de 11 a 14 anos, alunos de um Colégio Estadual do Oeste do Paraná, bem como diferenciar os fenômenos de violência expressos pelo *bullying* e *cyberbullying*. Além disso, explicar como ocorre o *cyberbullying* na adolescência e tentar compreender possíveis efeitos psicológicos envolvidos no fenômeno *cyberbullying*.

Convergindo a esses critérios, dá-se ênfase também à violência, de modo que Lopes (2005) destaca que a violência é um problema de saúde pública, importante e crescente no mundo, com sérias consequências individuais e sociais. Diante disso, o presente trabalho teve o compromisso social de ampliar o entendimento sobre a questão da violência. Uma melhor percepção destes aspectos pode contribuir para que as pesquisas avancem concomitantemente com as tecnologias, podendo estas se atualizar e desta forma encontrar maior embasamento para lidar com este fenômeno de maneira assertiva.

Para isso, foi utilizada a população de adolescentes, haja vista que, de acordo com Papalia e Feldman (2013), enquanto grupo, os adolescentes são os principais usuários das tecnologias de interação social. Por este motivo, dá-se destaque aos adolescentes neste trabalho, já que o tempo que estes passam conectados, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI (2012), aparece em maior índice nesta faixa etária.

Dentro desse contexto, pesquisar sobre a compreensão do fenômeno *cyberbullying*, a partir do entendimento dos adolescentes, permite ampliar o arcabouço teórico mediante as novas modalidades de laço social constituídas pelo adolescente, a partir da relação que este estabelece com o universo virtual. Discutir sobre a violência, seja ela praticada em meio real ou em ambiente virtual, nos possibilita entender quais implicações psicológicas podem estar envolvidas neste fenômeno.

Tamanha é a expansão do ambiente virtual, que o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018) publicou a Resolução CFP nº 11/2018, que atualiza a Resolução CFP nº 11/2012, sobre atendimento psicológico *online* e demais serviços realizados por meios

tecnológicos. Esse dado revela que a ciência psicológica tem se aproximado cada vez mais da tecnologia, a fim de expandir sua atuação para o contexto virtual, acompanhando as crescentes demandas relacionadas a esta área.

Pode-se afirmar que o ser humano vem expandindo a forma de expressar-se e de comunicar-se desde a antiguidade até os dias atuais. Prioste (2013, p. 16) argumenta que “na década de sessenta, conversar em tempo real, visualizando numa tela a imagem de seu interlocutor, que estaria do outro lado do mundo, era apenas fantasia futurista de desenho animado”. Ao passo que a sociedade evoluiu, a autora evidencia que tornar realidade o acesso a uma infinidade de dados e informações, bem como conexões simultâneas com milhares de pessoas, foi possível pela existência da rede internacional de computadores.

Atualmente, a autora Bozza (2016, p. 16) descreve que “vivemos o momento histórico denominado pós-modernidade, cujas características implicam mudanças significativas provocadas e vivenciadas pelo homem”, as quais resultam na evolução tecnológica e na globalização, modificando assim as formas das pessoas se relacionarem.

Bauman (2001) apresenta um conceito importante relacionado ao processo de globalização, denominando modernidade líquida, na qual a sociedade se apresenta de maneira mais fluida e instável em suas relações humanas e sociais, reformulando todas as áreas da vida, ao passo que se enfraquece a solidez no trabalho devido à atual volatilidade dos colaboradores ao buscar o que melhor satisfaz seus objetivos pessoais, e observa-se, ainda, o consumismo ganhando espaço na vida daqueles que necessitam desse mecanismo para serem aceitos na sociedade. Além disso, a quantidade de *likes* e *seguidores* que as pessoas procuram ter nas redes sociais cria uma sensação de ser visto, porém, devido à liquidez presente nas relações interpessoais, se torna ingênuo pensar que quantidade é sinônimo de qualidade.

Não raro, os pais têm incentivado seus filhos no uso da tecnologia, sendo de maneira que sobressaiam nas escolas, bem como na preparação para o ambiente de trabalho digital do futuro. Por outro lado, existe ainda uma preocupação dos pais com os filhos por estarem mais conectados a *smartphones* e computadores, do que com o “mundo real”. A queixa advinda dos pais é de que o sono e o trabalho acadêmico dos jovens acabam sendo prejudicados, bem como o tempo despendido com as tecnologias, ocupando-se menos com a família e amigos. No entanto, os próprios pais têm a atenção tomada pelas tecnologias, estando conectados na maior parte do tempo, levando seus *smartphones* para a mesa de jantar e os *laptops* para a cama (YOUNG e ABREU, 2019).

Como as tecnologias de informação e comunicação abrangem desde crianças a idosos, os riscos advindos do meio virtual não são exclusivos dos adolescentes, sendo necessário cuidado e atenção ao utilizar os meios digitais por qualquer pessoa que seja.

No ciberespaço existem características que podem potencializar os riscos a que as pessoas estão sujeitas nesse meio, como por exemplo: a falta de controle sobre o que é inserido no ambiente virtual, a durabilidade dos conteúdos disponíveis *online*, entre outros. Em circunstância dessas características, é necessário que haja discussão, reflexão e debate acerca das vulnerabilidades e dos riscos. Assim, poder-se-á utilizar das tecnologias para fins que possam auxiliar contra a disseminação de crueldade no ambiente virtual (BOZZA, 2016).

Por isso, o enfoque deste trabalho se apresenta direcionado à adolescência, pois, segundo Young e Abreu (2019, p. 7), “nenhum grupo tem sido mais profundamente afetado do que as crianças e os adolescentes”, e certamente se torna importante compreender como os jovens diante da “revolução digital, que vem transformando não apenas a maneira como nos comunicamos, educamos e entretemos, mas também como nos comportamos no papel de indivíduos e na sociedade”, compreendem e lidam com os efeitos desses fenômenos, diante de uma fase do desenvolvimento tão significativa para a construção da identidade do sujeito.

Segundo Erikson (1968), Aberastury e Knobel (1981), na adolescência ocorre a construção da identidade e autonomia, a busca de si mesmo, a separação progressiva dos pais, tendência a estar em grupos, deslocação do tempo, necessidade de fantasiar, desenvolvimento da sexualidade, condutas contraditórias e crises, bem como atitudes sociais conflitantes.

O desenvolvimento na adolescência resulta de vários fatores, como os citados acima, sendo visto como um processo natural e gradativo. De outra forma, o mundo virtual afeta e interage com a construção da identidade nesse ciclo de vida, sendo percebidos aspectos semelhantes ao mundo físico, mas que dão vazão na virtualidade.

Segundo Erikson (1968), os adolescentes sentem uma preocupação com sua maneira de ser frente à visão das pessoas e, na busca de uma afirmação por seus pares, podem se inspirar em seus ideais e construir o sentimento de identidade, a qual é essencial para a existência humana.

Para Aberastury e Knobel (1981), o adolescente, em busca de identidade, recorre a situações que demonstram ser as mais favoráveis no momento. Uma delas é a uniformidade, proporcionando segurança e estima pessoal. Nesse processo, segundo os

autores, ocorre a dupla identificação em massa, no que se refere à identificação de todos com cada adolescente, o que poderia explicar, de certa maneira, o processo grupal de que participa.

No ciberespaço, os adolescentes tendem a se comunicar nas redes e grupos sociais, perder a noção do tempo, fantasiar e criar avatares em busca de uma nova identidade. Da mesma maneira, também podem expressar em mensagens seus desejos sexuais e crises emocionais (ABREU et al., 2013). Dessa forma, as relações podem ser mediadas pelo ambiente virtual, no qual conexões são estabelecidas e afinidades são encontradas, ampliando seu âmbito social, mesmo que de maneira *online*.

Para compreender melhor as maneiras de manifestação de violência pesquisadas, foi realizada uma busca sobre a origem do *bullying* e *cyberbullying*, bem como suas definições, sendo descritos como fenômenos que se assemelham e se diferenciam em alguns aspectos.

Ao analisar o termo *bullying*, constatou-se que é uma palavra importada para a língua portuguesa, sem equivalente tradução. A palavra *bully*, em inglês, quer dizer “valentão”, tendo origem do vocábulo *bull* (touro). Comumente, a palavra *bullying* é traduzida por “intimidação” ou “humilhação”, reduzindo o verdadeiro significado do fenômeno, que contempla além dessas formas de manifestações e/ou consequências. Desta maneira, evita-se realizar traduções ou termos equivalentes no português. O *bullying* se trata de uma violência que pode começar de maneira não-intencional, mas que resulta em vitimização de uma pessoa, que sofre maus tratos sistemáticos por um agressor e contempla ainda reforçadores desta agressão (WENDT, CAMPOS e LISBOA, 2010).

Olweus¹ (1993 *apud* Wendt e Lisboa, 2014) entende o processo de *bullying* na medida em que uma pessoa ou grupo busca, de maneira sistemática, intimidar, excluir, molestar ou maltratar outra pessoa ou mesmo um grupo de pessoas, levando à exclusão social.

No que se refere ao *cyberbullying*, o termo é definido por Belsey¹ (2004, *apud* Schreiber e Antunes, 2015) como sendo o uso de informações e de tecnologias de informação como celular, computador e outros meios, com o objetivo de difamar ou apoiar, de forma deliberada, comportamentos, seja de indivíduos ou grupo, com o intuito de ofender outros indivíduos, de alguma forma.

Os instrumentos utilizados no *cyberbullying* estão em sintonia e expansão com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação, aparecendo também em redes

¹ O autor utilizado é pioneiro sobre o assunto, devido à dificuldade de encontrar os materiais originais, foi optado por manter o *apud*.

sociais, chats, jogos *online*, chamadas e videochamadas via internet, tendo em vista o mesmo fim: ameaçar, difamar e/ou insultar (TAVARES, 2012).

Dentre as diversas formas de manifestação do *cyberbullying*, Kowalski et al. (2012), destacam a ameaça como a maneira mais conhecida do fenômeno, caracterizando-se por envio repetitivo de mensagens intimidadoras. O autor aponta também para outros tipos de manifestações, dentre elas o *flaming*, assédio, denigração, *outing and trickery*, exclusão/ostracismo, *cyberstalking* e *happy slapping*, que consiste em caminhar e bater em alguém enquanto outro sujeito filma. O *flaming* diz respeito à provocação incendiária, que se estabelece por discussões com o uso de linguagem vulgar e ofensiva, que se iniciam de forma *online*, e podem ser propagadas de maneira rápida para além do meio virtual, sendo transferidas também para o ambiente real.

Diferentemente do *bullying*, os ataques advindos do *cyberbullying* adquirem um caráter de permanência, haja vista que os usuários do mundo inteiro podem, a qualquer momento, assistir, compartilhar e salvar em seus computadores ou celulares, manifestos de *cyberbullying* (SMITH², 2012 *apud* WENDT e LISBOA, 2013).

Embora o *bullying* e o *cyberbullying* tenham aspectos comuns e sejam bastante parecidos, os danos causados às vítimas de *cyberbullying* são ainda superiores, pois com a internet, obtém-se com maior facilidade o anonimato de quem agride, podendo dificultar a proteção contra esses tipos de humilhações, contendo também uma amplitude espaço-temporal ao ato discriminatório (PRADAS², 2006 *apud* JAHNKE e GAGLIETTI, 2012).

No Brasil, o Marco Civil da Internet passou a ser oficialmente chamado de Lei 12.965/14, que diz respeito à regulamentação, estabelecimento de princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet, bem como determinação de diretrizes para atuação do Estado.

Assim sendo, apesar do anonimato dificultar a responsabilização dos criminosos virtuais, a Lei existe para assegurar à população seus direitos no contexto virtual. Além disso, atualmente existem diversos recursos tecnológicos para identificar esses transgressores e, conseqüentemente, cumprir medidas judiciais cabíveis às suas práticas infratoras.

²Sabe-se que o uso de *apud*s desqualifica o trabalho, porém, se faz necessário informar a importância do material citado e indispensabilidade do conteúdo para maior compreensão dos fenômenos estudados.

2 MÉTODOS

A referida pesquisa foi de natureza básica e descritiva, haja vista que foi questionada qual a compreensão de um fenômeno a partir de um grupo específico. Quanto aos procedimentos técnicos, refere-se a uma pesquisa de campo, que considera o que é subjetivo do sujeito, não sendo traduzido em números, o que caracteriza como qualitativa a forma de abordagem do problema (GIL, 2008).

A amostra de população diz respeito a adolescentes de ambos os sexos entre 11 e 14 anos, matriculados no ensino regular e com acesso à internet. O número previamente estabelecido para a pesquisa se dá num total de seis participantes. Não participaram da pesquisa os adolescentes e responsáveis que se recusaram a assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respectivamente.

A obrigatoriedade da assinatura dos termos, tanto dos participantes da pesquisa e seus responsáveis quanto dos pesquisadores, visa a segurança de todos os envolvidos, garantindo que todas as informações que foram obtidas serão protegidas, assegurando a integridade moral e ética de todos os envolvidos. O TCLE e o TALE estão presentes neste projeto e, respeitando a regulamentação, foram impressos em duas vias, ficando uma em posse dos pais e/ou responsáveis dos pesquisados e outra via com os pesquisadores.

A amostragem selecionada deu-se de maneira não probabilística e por conveniência, em que os participantes não foram selecionados por meio de um critério estatístico, mas que se encaixaram nos critérios pré-definidos (OLIVEIRA, 2001).

Inicialmente foram definidos os critérios de seleção dos participantes da pesquisa e elaborado o Termo de Assentimento para os adolescentes assinarem e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis.

Após a definição, foi realizado o contato com o Núcleo Regional de Educação, o qual solicitou algumas documentações que foram analisadas e aprovadas de acordo com as normas institucionais, permitindo assim, em seguida, o envio ao comitê de ética para que então fosse emitido parecer favorável à pesquisa. Logo após, o parecer foi encaminhado ao Núcleo Regional de Educação, e deu-se sequência ao processo.

A pesquisa foi submetida à aprovação da Plataforma Brasil, um sistema ao qual são submetidos todos e quaisquer trabalhos, pesquisas e estudos que envolvam seres humanos. Tem por objetivo acompanhar todo este processo, e ainda disponibilizar para a sociedade estes dados. Deu-se início à pesquisa somente após a aprovação da plataforma.

Após a aprovação, os pesquisadores foram até o Colégio selecionado e passaram nas salas de aula entre o 7º e 9º ano e explicaram sobre o que se tratava a pesquisa. Diante disso, os adolescentes que tiveram interesse em participar e preencheram os critérios de inclusão, levaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais ou responsáveis assinarem, sendo esclarecido que não haveria obrigatoriedade em participar da pesquisa, caso optassem por isso. Dentre aqueles que trouxeram os documentos assinados, foram selecionados para um sorteio aleatório simples para definir a participação na pesquisa e em seguida foram realizadas as entrevistas com os jovens.

O método utilizado foi de entrevista semi-estruturada, que consiste de um roteiro previamente elaborado, antecedendo os assuntos de perguntas básicas (MANZINI, 2004).

Para Triviños, (1987, p. 152) a entrevista semi-estruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores”.

Além disso, a entrevista foi conduzida pelos pesquisadores em uma sala individual nas dependências do colégio, com cada adolescente, utilizando um gravador de áudio para registrar as respostas.

Os resultados descritos foram trabalhados e depurados por meio de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Ou, por outras palavras, o que se procura estabelecer, quando se realiza uma análise consciente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados.

Os pesquisadores tiveram cuidado para que os áudios gravados durante a entrevista fossem excluídos do gravador e computadores após a análise do conteúdo, prevenindo assim que qualquer informação fosse divulgada para além da pesquisa.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram realizadas as entrevistas com adolescentes entre 11 e 14 anos, três do sexo masculino e três do sexo feminino, contabilizando a amostragem total de seis participantes.

Após os adolescentes retornarem com o TCLE preenchido, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) foi entregue e lido no momento da entrevista, em conjunto com o adolescente, e deixado a seu critério participar ou não da pesquisa.

Para melhor compreensão do artigo, foram destacadas algumas categorias por terem sido evidenciadas de maneira enfática nas entrevistas. Dentre elas, a naturalização da violência expressas pelos adolescentes, compreensão sobre o *bullying* e *cyberbullying*, bem como questões da adolescência, como o corpo, imagem e cognição adolescente. Por fim, apontados aspectos relacionados às possíveis implicações psicológicas, na perspectiva dos pesquisados.

3.1 VIOLÊNCIA

No relato dos participantes as seguintes frases apareceram: “Porque a pessoa tá falando sobre outra e nisso também eu acho que é violência.. porque.. na verdade, não tem motivo né” (sic); “Quando falavam dela, ela saía correndo, mesmo se ela estava em casa os outros iam na casa dela xingar ela.. essas coisas assim” (sic); “é uma violência, é uma agressão psicológica.. que você causa na pessoa por meio das redes sociais, e a pessoa acaba se sentindo mal.. agredida..incomodada” (sic). Em seus relatos, os adolescentes compreendem as manifestações de violência, tanto por meio do *bullying* quanto pelo *cyberbullying*.

A violência é definida pela Organização Mundial da Saúde (2002) como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Com isso, pode-se adiantar que o *bullying* e o *cyberbullying*, por serem um tipo de manifestação de violência, estão implicados em aspectos que caminham em direção às definições da Organização Mundial da Saúde.

Segundo Barbosa (2010, pg. 4), a violência ocorre quando se usa a força para “desnaturar, perverter, oprimir, coagir, submeter, violar, torturar, constranger”. Não se fala necessariamente do uso da força física, mas também sobre uma ação ou força que vai além, podendo exercer poder sobre a outra pessoa, gerando consequências como danos psicológicos e físicos às vítimas. Nesse sentido, os adolescentes demonstram compreender o que é violência e ainda conseguem identificá-la dentro de diversos contextos.

3.1.1 Naturalização da violência

A naturalização e desnaturalização são conceitos que advém das Ciências Sociais, entendidos até como um discurso marxista. Nesse sentido, a naturalização é entendida como a compreensão e o reconhecimento de uma dada realidade, sendo produto do pensamento humano (VIANA, 2013).

Faz-se importante compreender o processo de colonização brasileira para poder entender as razões pelas quais o Brasil é um país violento e o porquê dessa violência estar enraizada e naturalizada nos gestos, atos, comportamentos e na enunciação dos indivíduos. Todo crescimento econômico e toda organização política brasileira foi assentada pela escravidão. Tal cenário histórico foi retratado por grandes escritores e poetas brasileiros. Euclides da Cunha, em seu livro *Os Sertões*, publicado em 1902, traduz todo o panorama da escravidão, no processo de exploração de minérios e ainda relata que a miséria e a violência constituem o homem brasileiro. Ao encontro desta perspectiva, Sérgio Buarque de Holanda, grande historiador brasileiro, retrata em seu livro *Raízes do Brasil* (1936), o quanto a cultura, os hábitos e as características do povo brasileiro foram massacradas e hostilizadas pelos conquistadores europeus. Nas palavras do historiador:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje, uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem (HOLANDA, 1995, p. 31).

A partir disso, é possível compreender as razões pelas quais existe, em diferentes contextos, a naturalização da violência no Brasil, uma vez que ela é constitucional, histórica e ideológica. Sendo assim, o trabalho do psicólogo é levantar a bandeira da desnaturalização da violência e, por isso, dentro dos princípios fundamentais que norteiam o Código de Ética do Psicólogo, o inciso II estabelece que o psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CFP, 2005). Diante disso, o psicólogo tem o compromisso ético de trabalhar a serviço da desnaturalização da violência praticada nas escolas e também em outros espaços, como os virtuais.

Por meio da perspectiva dos pesquisados, foram demonstrados aspectos comuns sobre a naturalização da violência, pois esta pôde ser apontada como uma “fase” (sic), ou em outras frases trazidas, como “brincadeiras e zoações” (sic), que seriam percebidas como aceitáveis ou compreensíveis. Nesse mesmo sentido, em outro discurso, foi obtido o relato de que pelo *cyberbullying* “não acontecer de maneira presencial, não é tão violento” (sic).

Do mesmo modo, na fala “não tem o que a gente fazer com as pessoas.. a gente vai sofrer isso, vai passar por isso” (sic), nota-se a presença do discurso naturalizado sobre a violência no cotidiano, que apesar da tentativa de modificar esse ambiente, é natural que se passe por ela e a aceite. E por estar naturalizada, percebe-se nessa outra frase, “no mundo tem gente honesta e também tem essas pessoas em qualquer lugar do mundo, que agem com violência” (sic), uma relação com um trecho da música “Anjos”³, da banda O Rappa, a qual relata que “A vida é dura, sofrida, carente em qualquer continente, mas boa de se viver em qualquer lugar”, elucidando que a vida se apresenta dessa maneira e é compreensível o sofrimento, no que tange aos relatos obtidos, ligado à violência.

3.1.2 *Bullying* e *cyberbullying*

Em relação ao *bullying*, todos os adolescentes da amostra comunicaram ter ouvido falar e trouxeram alguns aspectos em relação a esse fenômeno, como uma manifestação da violência, uma agressão física e psicológica, sendo apresentada também por meio de xingamentos e ofensas a outra pessoa sem ter um objetivo específico, simplesmente para diminuir o outro e se superiorizar a ele. Dessa maneira, também apareceu em uma das falas que, em uma tentativa de eliminar o *bullying*, buscou-se “revidar o agressor” (sic), mas que não obteve sucesso com esse objetivo.

A respeito do *cyberbullying*, a nomenclatura para alguns participantes não foi familiar, pois não conheciam essa terminologia, mas ao serem comunicados de que se assemelhava ao *bullying*, sendo transposto para o ambiente virtual, foi possível obter algumas respostas.

Na perspectiva dos adolescentes sobre o *cyberbullying*, houve comentários de que era semelhante ao *bullying*, “mas que não há agressão física, apenas a mental e psicológica” (sic). Com isso, é manifestada como uma forma de agressividade, menosprezando e diminuindo a outra pessoa. Nessa mesma visão, um participante comentou que “o

³ A arte, através da música e da poesia, são expressões e recortes da cultura, o que indica que a cultura, de uma maneira geral, carrega verdades. O uso das músicas e poemas utilizados se deram por conta de retratar aspectos vivenciados na sociedade e que condizem com os dados pesquisados.

cyberbullying começa como uma conversa, mas que pode acabar dando em briga pela internet” (sic). Percebe-se que os adolescentes apresentam um entendimento sobre a manifestação da violência, porém, de forma superficial, o que aponta para importância de maiores discussões sobre o tema, tanto nas escolas quanto no ambiente familiar.

Das manifestações sobre o *cyberbullying*, houve perspectivas de que este pode ocorrer por meio de divulgação de fotos pela internet, insultos, xingamentos e comentários, nas diversas redes sociais. Outra perspectiva apresentada foi de que “não é qualquer coisa que vai fazer essa pessoa parar. Ainda mais *cyberbullying*, porque tipo, se alguém bane a sua conta no Facebook, é só você ir lá e abrir outra”. Mais uma vez observa-se, no relato dos adolescentes, um nível de aceitação em relação à violência, a qual, por estar tão naturalizada nas relações, faz com que estes sintam dificuldade em refletir sobre possibilidades de cessar tais práticas.

3.2. CORPO E IMAGEM

A adolescência perpassa questões de reconhecimento do outro e constituição de uma identidade. Soma-se a isso a imagem, que está bastante presente, o que pode ser observado por meio das entrevistas.

Sabe-se que na clínica psicanalítica, os sujeitos, por intermédio de seus corpos, remetem à importância do olhar do outro, o olhar do outro é constitucional. Lacan (1960/1998, p. 823) assinala:

como quer que seja, o que o sujeito encontra nessa imagem alterada de seu corpo é o paradigma de todas as formas de semelhança que levamos para o mundo dos objetos, um toque de hostilidade, projetando nele a transformação da imagem narcísica, que, do efeito jubilatório de seu encontro no espelho transforma-se no encontro com o semelhante, no escoadouro da mais íntima agressividade.

Nesse sentido, durante o processo de passagem adolescente, o sujeito desinveste de seus objetos primários de amor (pai e mãe), e passa a investir em sua libido objetal, em objetos extrafamiliares (FREUD, 1905/2016). Na passagem da libido narcísica, ou do eu, para a libido objetal, parte da libido continua sendo investida no eu e a libido objetal se apresenta sob forma de identificação. É essa uma das razões pelas quais os adolescentes precisam andar com outros adolescentes com que se identificam. Toda identificação carrega em si, libido narcísica (FREUD, 1914/2010).

O corpo adolescente é um corpo em transformação que carrega marcas da infância e apostas para o futuro adulto. Nessa fase, os adolescentes, em sua maioria, estão insatisfeitos com o próprio corpo, sentindo-o como estranho e assombroso. Em razão disso, uma das

tarefas do adolescente é a reapropriação egóica de um corpo, que, em contrapartida, nunca deixou de ser seu (CORSO, 2011).

A contemporaneidade traz efeitos na constituição adolescente. No período atual, se faz presente a valorização do corpo belo, magro, perfeito e, portanto, muitas vezes, inacessível. Esse corpo hiper investido esconde e confunde um olhar menos atento, na medida em que nele podem estar depositadas questões que vão muito além de corresponder aos ideais de cultura.

Uma época marcada por incertezas, pelo imediatismo, pelo consumo, pelo hedonismo, pela exacerbação do individualismo, pela liquidez das relações, pela apologia à beleza, à forma física e à juventude; pelo espetáculo, pelo sucesso e fama a qualquer preço. Mas, também, é um momento assinalado por maior aceitação de novos tipos de relacionamentos e de configurações familiares; por uma nova forma de convivência: a virtual; e pelo surgimento de novas tecnologias, incluindo os diversos recursos que encontramos com o advento da internet, tais como diversidade das fontes de informação, o acesso em tempo real às notícias e acontecimentos mundiais, as ferramentas de busca, o comércio virtual, as redes sociais, o e-mail, os blogs, os fóruns de discussão, o ensino à distância, a videoconferência, o compartilhamento instantâneo de dados (imagens, sons, vídeos, fotos, filmes etc.), entre outros (BOZZA, 2016, p. 16).

Em relação às manifestações de violência apresentados pelo *bullying* e pelo *cyberbullying*, houve relação entre os participantes quanto à questão da imagem, como, por exemplo, em uma das falas: “*bullying* seria, não sei dizer assim... preconceito que você tem contra a pessoa, por ela ser gorda, por ela ser.. é.. morena né [...]”, bem como outras frases descritas da seguinte maneira: “quando chama tipo baixinha, gorda, magra, quatro olho” (sic), “ficavam me chamando de rolha de poço” (sic), “postei uma foto minha mas tô feio e aí vai lá uma pessoa mais bonita que eu e começa a me xingar..que sou feio..imprestável..” (sic). Percebe-se que a maioria dos ataques é voltado ao corpo e à imagem adolescente. A partir da análise do conteúdo das falas acima mencionadas é possível inferir que o adolescente utiliza de depreciação de características do corpo do outro/semelhante como projeção de sua aflição diante do estranhamento gerado pelo contato com o real de seu próprio corpo. Ataco aquilo que me é estranho, porém bem semelhante. Caso contrário não haveria razões para o ataque. O estranho é sempre familiar.

Na mesma questão de imagem, foi possível verificar que nas falas dos adolescentes, a maneira de ofender o outro se aplica por meio do xingamento, com insultos ao peso, à beleza, à cor e ao intelecto. Dessa forma, as agressões estão assimiladas a questões mais concretas, as quais podem ser perceptíveis, na maioria das vezes, visualmente. É válido ressaltar que é na adolescência que o sujeito constrói sua identidade, necessitando para isso,

o reconhecimento do outro, dos pares, para se efetivar. Dessa forma, ocorre a identificação com grupos e distanciamento gradativo dos pais.

3.2.2 Cognição adolescente

Outras questões perceptíveis na entrevista, foram as dificuldades de representar as emoções sentidas, sejam elas presenciadas pelo outro ou por si mesmas. Pôde-se notar que em alguns momentos o termo “depressão” esteve presente, se evidenciando como equivalente à tristeza. Além disso, nessa outra frase: “olha, uma sensação que a gente sente é... seria que a gente fica com uma sensação ruim, sabe?” (sic), fica perceptível a dificuldade do(a) participante identificar qual emoção estava sentindo. Em sua música chamada Quase sem Querer³, a banda Legião Urbana retrata, por meio desse trecho, “e queria sempre achar explicação pro que eu sentia”, uma frase que permeia a dificuldade dos jovens em nomear seus sentimentos, por isso optou-se por relacionar ela com os relatos obtidos.

A sensação e sentimento da pessoa que está alheia ao *bullying* e *cyberbullying*, na perspectiva dos adolescentes, é diferente da pessoa que está passando por essas violências, podendo ela ter uma ideia ou um grau de entendimento sobre os sentimentos do outro, percebendo que ela pode estar se sentindo mal e que seja uma situação ruim, mas não irá saber definitivamente como é estar naquela situação.

No aspecto emocional, a perspectiva dos adolescentes corrobora com as pesquisas realizadas por Olweus, 1993; Figueiredo e Matos, 2018, relacionadas a temáticas do *bullying* e *cyberbullying*, estando presentes nas falas questões como a tristeza, raiva, sensações de mal-estar e irritação.

Segundo Steinberg (2007), a relação entre duas redes cerebrais pode resultar em uma propensão a comportamentos de risco na adolescência, na qual implica a rede sócio emocional, que é suscetível a estímulos emocionais e sociais, e uma rede que faz o controle cognitivo, realizando a regulação às respostas a estímulos. A rede mais ativa na puberdade é a socioemocional, enquanto a rede de controle cognitivo vai amadurecer de forma mais gradual, até o início da idade adulta. Esses dados podem explicar a presença de explosões emocionais nos adolescentes, bem como os comportamentos de risco.

Dentro das diversas perspectivas, o que foi apresentado diferente às pesquisas bibliográficas, se encontra na reação ao *bullying* como um “espanto” (sic), quando presenciada por uma das adolescentes.

Dos conceitos abordados anteriormente, como por exemplo, a imagem adolescente e entendimentos sobre a violência, algumas questões que apareceram no decorrer das entrevistas foram acerca da metacognição, que diz respeito ao conhecimento que a pessoa tem sobre seus processos cognitivos, ou seja, poder refletir sobre seus próprios pensamentos.

Dessa forma, foi evidenciada em uma fala que é preciso “pensar um pouco antes de fazer seus atos” (sic). Análogo a isso, foi possível notar que nesse período do desenvolvimento, as questões subjetivas, como a metacognição, ainda estão em processo de exploração, despertando aos poucos o pensamento abstrato.

O poema intitulado “O dilema da violência”³, escrito em 2018 pelo autor Erick Máximo Mendes, relata sobre a importância da reflexão e as mudanças de atitudes violentas nos tempos atuais:

“Dizem que a violência
 É coisa de gente sem decência,
 Mas muitas vezes não é isso não
 O simpático é só vítima da repetição.
 É mãe que xinga, é pai que bate. Ele aprendeu o quê?
 Só reproduzir esse mal trate.
 Existem mil formas de violência:
 o grito, agressão, o danado do empurrão
 E pasmem, quer você queira ou não
 Até aquele olhar fulminante de discriminação.
 Não faça isso, não seja mais um sem noção
 A ignorância, muitas vezes, é a protagonista
 Desfere golpes sem perceber o quanto é egoísta.
 O entendimento neste século tão violento e truculento
 é o homem olhar para dentro
 Não dele, mas do outro
 E descobrir a felicidade no dia a dia
 Quando se vive com tamanho amor e empatia”.

3.3 POSSÍVEIS EFEITOS PSICOLÓGICOS DO FENÔMENO CYBERBULLYING NA VISÃO DOS ADOLESCENTES

Em relação às implicações psicológicas do *bullying* e do *cyberbullying* sob a perspectiva dos adolescentes, e se havia ou não a existência de quaisquer implicações, as respostas obtidas demonstraram haver algumas consequências relacionadas à temática apresentada.

Dos dados obtidos, apareceram questões como a vergonha, perda da intimidade com os pais, inutilidade, comportamento autolesivo, ideação suicida e depressão. Houve falas como: “a pessoa pode acabar se sentindo excluída, acabando em depressão” (sic); “tipo,

começam a se cortar, a tentar cometer suicídio” (sic); “tipo, meu amigo quase se matou por causa disso, poderia ter perdido uma vida” (sic). No que se pode perceber entre os pesquisados, os últimos estágios de implicações seriam o desenvolvimento do quadro depressivo e o risco de suicídio.

Com a pesquisa também foi possível presenciar um momento em que um dos adolescentes, ao comentar sobre sua situação de violência, relatou a seguinte frase: “me senti como se fosse nada, eu odiei aquilo” (sic); o adolescente se emocionou ao tentar falar e acabou chorando.

Pode-se observar, nessa situação, que a fala advinda do adolescente apresentou carga emocional, fazendo-o relembrar os momentos de sua violência, podendo, dessa maneira, fazer uma suposição sobre a abrangência dos impactos observados, como a dificuldade de falar sobre o assunto e os sentimentos de tristeza expressos pelo adolescente.

Em relação a questões psicológicas acerca do *cyberbullying*, verificou-se que a pesquisa veio de encontro com a bibliografia encontrada, reafirmando alguns impactos causados pelo fenômeno e suas implicações em outros meios extramurais aos escolares, podendo ser observado nas seguintes falas: “os efeitos seriam depressão, raiva, ódio, tristeza” (sic); “sente vergonha” (sic); “as pessoas devem se sentir inúteis, rebaixadas da sociedade” (sic). Os jovens conseguem apontar tais consequências relacionadas à violência, percebendo a dimensão dos prejuízos causados às vítimas.

Os impactos psicológicos e emocionais do *cyberbullying* afetam também seu meio social e familiar, expressando nas vítimas sentimentos de dor e sofrimento, humilhação, raiva ou vulnerabilidade, podendo também serem refletidos na escola (WORTHEN, 2007).

Dessa maneira, a maioria das vítimas se constrange e tem danos emocionais. O sentimento mais expresso pela vítima é a raiva, que se revela como uma resposta saudável ao *cyberbullying*. De maneira diferente, algumas pessoas relatam não se importar, buscando de alguma forma minimizar os danos emocionais e novas estratégias de enfrentamento (BOTTINO et al., 2015).

3.4 IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DA FAMÍLIA

Diante das entrevistas realizadas, a escola foi um assunto bastante associado pelos adolescentes, pois ao serem questionados sobre qual o local em que ouviram falar sobre *bullying* ou *cyberbullying*, ou ainda, se conheceram alguém que passou pela situação, a escola foi local de referência.

Da mesma maneira, foi perceptível em suas falas que a escola traz momentos de educação sobre a temática do *bullying*, visando disseminar o conhecimento a respeito do tema, como observa-se nesta fala: “ouvi falar na escola, teve uma atividade sobre *bullying* e acabei descobrindo o que era” (sic). Por outro lado, o fenômeno *cyberbullying* não demonstrou estar tão presente nesse ambiente, havendo pouca discussão sobre a violência no contexto virtual.

Outro ponto trazido pelos adolescentes em entrevista, foi a informação e educação sobre o *bullying* e *cyberbullying* advindos por meio dos pais, em que estes passam o conhecimento e conversam com os filhos sobre essas temáticas: “Foi com meus pais que ouvi falar em *cyberbullying*” (sic). Este conhecimento também ocorre através da própria internet: “ouvi falar pela internet e minha mãe sempre fala” (sic).

Na pesquisa realizada por Lee e Chae (2007), os resultados demonstraram que os adolescentes podem ter uma redução no tempo gasto em comunicação com a família, por influência da internet. Esse declínio se dá por conta de que os jovens passam o tempo se comunicando *online* com amigos, despendendo menos tempo para a comunicação e relação familiar. Evidenciado também pelos autores, a qualidade na relação familiar pode garantir um efeito protetivo a experiências do *cyberbullying*. Pois, pais que tinham práticas de navegarem e serem envolvidos em atividades educativas *online* junto com o filho, garantiam a aproximação da família e fortalecimento do efeito protetivo.

Das recomendações voltadas ao pais, Kowalski et al. (2012) destaca que regras sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação devem ser estabelecidas, bem como reservar tempo para discutir sobre a maneira de utilizar esses meios, fornecendo instruções precisas sobre como agir caso seja envolvido em situações de *cyberbullying*.

No que se refere à atuação do psicólogo frente a tais violências, de acordo com o livro publicado pelo Conselho Federal de Psicologia e organizado pelas autoras Franschini e Viana (2016), uma das manifestações de violência mais preocupantes no contexto escolar e que atrai a atenção e cuidado dos profissionais desta área é a agressão entre pares, reconhecida atualmente como *bullying*. Diante disso, se torna imprescindível a atuação do psicólogo no ambiente escolar, o qual deve realizar intervenções e elaborar estratégias para o enfrentamento e também a prevenção de tal violência, incluindo o *cyberbullying*, reconhecido pelos jovens como uma extensão do *bullying* para o universo digital.

Segundo Freire e Aires (2012), o Psicólogo escolar, por estar vinculado à Instituição, deve ter conhecimento da realidade escolar em que está inserido, bem como conhecer o perfil cultural, social e psicológico daquela Instituição, compreendendo como são

construídas as relações interpessoais entre os sujeitos daquele contexto, juntamente com a comunidade e as famílias.

O psicólogo, no contexto escolar, pode ainda fomentar discussões e reflexões que visem mudanças em relação à violência, promovendo assim a conscientização dos demais profissionais inseridos na Instituição de ensino sobre seus papéis, “garantindo a construção de relações mais saudáveis e evitando o surgimento de qualquer forma de violência nas escolas” (FREIRE e AIRES, 2012 p. 58).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo, foram realizadas discussões sobre alguns aspectos da violência, como a naturalização de tal fenômeno, sua manifestação por meio do *bullying* e *cyberbullying*, bem como a relação do adolescente com sua imagem. Trazendo, em sequência, a dificuldade de diferenciar e controlar as emoções e as implicações psicológicas descritas pelos adolescentes.

Haja vista a ascensão e expansão das tecnologias na contemporaneidade, debater a temática do *cyberbullying* com os adolescentes possibilitou novas oportunidades e olhares para o público nativo digital, utilizando da ótica dessa população em prol do conhecimento científico e, desta forma, auxiliando para discussão de temáticas recorrentes na sociedade, como a violência e suas implicações psicológicas, em busca de novos meios de compreensão e percepção dos fenômenos de maneira mais sistêmica.

Dos resultados obtidos, foi possível observar que o *cyberbullying* é um fenômeno pouco conhecido pelos adolescentes pesquisados, utilizando-se ainda de um raciocínio mais concreto e atribuído ao físico, abstraindo pouco para questões mais subjetivas, como a violência psicológica e consequências advindas dela. Pôde-se perceber que o *cyberbullying*, na adolescência, ocorre por meio de xingamentos relacionados ao corpo, ao físico, como uma extensão do *bullying*, que está naturalizado, fazendo com que o *cyberbullying* também seja naturalizado e, por isso, o papel do psicólogo se faz imprescindível no trabalho da desnaturalização de toda e qualquer forma de violência.

A pesquisa obteve êxito em diferenciar os fenômenos de violência expressos pelo *bullying* e *cyberbullying*, sua ocorrência na etapa da adolescência, bem como verificar, a partir da perspectiva dos adolescentes, os possíveis efeitos psicológicos que poderiam estar envolvidos nesses fenômenos.

Percebe-se que o corpo está em questão na adolescência e considera-se que talvez por aquela própria aparência estar fragilizada, o corpo do outro é olhado, ofendido e agredido. A partir disso, levante-se uma reflexão: será que em outros contextos, como por exemplo, uma universidade, ocorre ataques direcionados ao corpo também?

Como uma maneira de sugestão e proposta de intervenção a futuras pesquisas, trabalhar a disseminação e educação acerca dos tipos de violência, bem como suas formas de manifestações no ambiente escolar e digital, pode ampliar a visão dos adolescentes sobre questões tão manifestas na sociedade e contribuir para a elaboração de projetos voltados ao público nativo digital, dessa maneira sendo mais assistidos e ouvidos pela população geral.

Em 12 de setembro de 2019, foi aprovado pela Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 3.688/2000, que dispõe sobre os serviços de Psicologia e do Serviço Social nas Redes Públicas de Educação Básica, possibilitando a presença dos profissionais de Psicologia no ambiente escolar. Porém, no dia 09 de outubro de 2019, foi publicado, no Diário Oficial da União, o veto presidencial acerca do Projeto de Lei, que, segundo a justificativa dos Ministérios da Educação e da Saúde, criaria despesas sem indicar fonte de receita e impactos orçamentários.

Com o veto do PL 3.688/2000, destaca-se que o ambiente escolar continua desassistido, pois os psicólogos (as), que são profissionais capacitados e instrumentalizados para prestar uma escuta qualificada e que podem realizar um acolhimento positivo aos jovens que apresentam sofrimento psíquico, são privados de ocupar esse lugar e realizar a promoção da saúde mental nesse ambiente. Tais dados vão de encontro com que a pesquisa apresentou, discursos advindos de base estrutural e governamental que naturalizam a violência e que também detém melhorias na qualidade de vida da população, enraizando falas preconceituosas e disseminando o ódio em um país fragilizado e com tantas desigualdades sociais.

Por fim, como já dizia a música Terra de Gigantes³, da banda Engenheiros do Hawaii, “as revistas, as revoltas, as conquistas da juventude, são heranças, são motivos pras mudanças de atitude, os discos, as danças, os riscos da juventude, a cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude”. Segue-se no combate da desnaturalização da violência, reunindo forças na busca de novas conquistas, novos tempos e acesso à qualidade de vida digna para a população.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Tradução: de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ABREU, CN; EISENTEIN, E; ESTEFENON, SG. **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Artmed, Porto Alegre, 2013.
- BARBOSA, R. C.; **Bullying: Uma naturalização de difícil convivência**. Universidade Federal da Paraíba, 2010. Disponível em: <<https://www.uv.es/asabranca/encontre/barbosa.pdf>>.
- BARDIN, L., **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf>. Acesso em: 01 de maio 2019.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOZZA, T. C. L., **O Uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual**. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305317/1/Bozza_ThaisCristinaLeiteBozza_M.pdf Acesso em 05 de maio de 2019.
- BOTTINO, S. M. B; BOTTINO, C. M. C; REGINA, C.G; CORREIA, A. V.L; RIBEIRO, W.S. **Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review**, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v31n3/0102-311X-csp-31-03-00463.pdf>> Acesso em 01 de maio de 2019.
- BRASIL, Congresso Nacional. **Lei nº 12.965**, 23 de Abril de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/12965.htm> Acesso em 09 de maio de 2019.
- CGI. **TIC Kids Online Brasil – Web page - CETIC.br**. – Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012. Disponível em: <<https://cetic.br/tics/kidsonline/2012/criancas/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.
- CFP, Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, agosto de 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em 06 de junho de 2019.
- CFP, Conselho Federal de Psicologia. **Resolução 011/2012**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Resoluxo_CFP_nx_011-12.pdf> Acesso em 18 de março de 2019.
- CORSO, D. L. . **A Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- ERIKSON, E. **Identity, youth and crisis**. New York: Norton, 1968. [tr. port. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.]
- FIGUEIREDO, F; MATOS, A. **A agressão apoiada pelas tecnologias: o cyberbullying e o autocyberbullying**, 2018. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/7137>> Acesso em 01 de maio de 2019.
- FRANSCHINI, R; VIANA, M.N. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2016. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP_Livro_PsinaEd_web-1.pdf> Acesso em 06 de junho de 2019.
- FREIRE, A. N; AIRES, J. S. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying**, 2012. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1rt9zBA3TpqBpVikOIQ9SF4kQwaemVGjy/view>> Acesso em 07 de junho de 2019.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Completas, volume 6**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Introdução ao narcisismo. In: **Obras Completas, volume 12**. São Paulo: Cia da Letras, 2010.

GIL, A. C; **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HAWAII, E. **Terra de gigantes**. 1987. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/engenheiros-do-hawaii/terra-de-gigantes.html>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JAHNKE, L. T; GAGLIETTI, M. **O Avanço tecnológico e os conflitos comportamentais nas redes sociais - O Cyberbullying**, 2012. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/35.pdf>> Acesso em 01 de maio de 2019.

KOWALSKI, R.M; LIMBER, S.P; AGATSTON, P.W. **Cyber Bullying: Bullying in the Digital Age**, 2012. Disponível em: <<http://booksdescr.org/item/index.php?md5=5F16F440A1DED746E7761B3819DE9DCB>> Acesso em 07 de maio de 2019.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **LACAN, Jacques. Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEE, S.L; CHAE, M.A. **Children's Internet Use in a Family Context: Influence on Family Relationships and Parental Mediation**, 2007. Disponível em: <<https://sci-hub.se/10.1089/cpb.2007.9975>> Acesso em 07 de maio de 2019.

LOPES N, A. A. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, 81(5), 164-172, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em 18 de março de 2019.

MANZINI, E.J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**, 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf>. Acesso em 24 de abril de 2019.

MENDES, E.M. **O dilema da violência**. UniFAJ, 2018. Disponível em: <<https://www.faj.br/poema-de-aluno-o-dilema-da-violencia-surpreende-professora/>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, T. M.V. **Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas**, 2001. Disponível em: <https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostras_por_conveniencia.pdf> Acesso em 18 de abril de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde**, 2002. Disponível em: <<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>> Acesso em 05 de junho de 2019.

PAPALIA, D; FELDMAN, R. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 12. ed. 2013.

PRIOSTE, C, D. **O Adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21052013-113556/publico/CLAUDIA_DIAS_PRIOSTE_rev.pdf> Acesso em 03 de maio de 2019.

RAPPA, O. **Anjos (pra quem tem fé)**. 2013. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/o-rappa/anjos-pra-quem-tem-fe.html>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

SCHREIBER, F.C.C; ANTUNES, M.C.A. **Cyberbullying: para além dos muros da escola**, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20497_11411.pdf> Acesso em 29 de abril de 2019.

STEINBERG, L. **Risk taking in adolescence: New perspectives from brain and behavioral science.** *Current Directions in Psychological Science*, 16, p. 55-59, 2007.

TAVARES, H. **Cyberbullying na adolescência**, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542012000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 de maio de 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

URBANA, L. **Quase sem querer.** 1986. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/quase-sem-querer.html>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

VIANA, N. **Naturalização e desnaturalização: o dilema da negação prático-crítica.** *Revista espaço livre*, v.8, n.15, 2013. Disponível em: <<https://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/viewFile/51/46>>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

YOUNG, K. S.; ABREU, C.N. **Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento.** Porto Alegre: Artmed, 2019.

WENDT, G. W; CAMPOS, D. M; LISBOA, C. **Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: Bullying, Cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea**, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492010000100004> Acesso em 29 de abril de 2019.

WENDT, G. W; LISBOA, C. **Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying**, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n1/05.pdf>> Acesso em 01 de maio de 2019.

WENDT, G. W; LISBOA, C. **Compreendendo o fenômeno do cyberbullying**, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100004> Acesso em 29 de abril de 2019.

WORTHEN, M. S. **Education Policy Implications from the Expert Panel on Electronic Media and Youth Violence**, 2007. Disponível em: <[https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(07\)00395-3/pdf](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(07)00395-3/pdf)> Acesso em 07 de maio de 2019.